

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 53
10 de abril de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos.

Eu vou continuar com as explicações sobre alguns conceitos elementares da lógica, mas o assunto acaba requerendo algumas outras distinções à medida que eu vou mostrando como eles são problemáticos e difíceis de lidar.

Em primeiro lugar, vocês não podem esquecer que todos os conceitos que são utilizados na lógica são válidos na medida em que você está falando da função que os vários termos desempenham no raciocínio, e somente sob este aspecto. Por exemplo, a definição lógica da simples apreensão não quer dizer que exista simples apreensão na realidade da experiência. O que se pretende dizer é que aqueles termos, tomados como sinais ou signos de uma simples apreensão serão considerados como tais para fins do raciocínio; e isso não quer dizer que examinada sob outro aspecto ou sob o ângulo de uma outra ciência a tal da simples apreensão se revele efetivamente simples.

Isso quer dizer que, no corpo do raciocínio, aquele termo que designa o objeto apreendido pela simples apreensão será tomado como se ele nada afirmasse por si. Para fins da estrutura do raciocínio, a simples apreensão será efetivamente simples, mas só considerado sob o ponto de vista da estrutura e da ordem do raciocínio. Ou seja, só considerado do ponto de vista dessa ciência específica.

No estudo da própria lógica nós verificamos que as ciências nunca lidam com objetos reais; é impossível uma ciência do objeto real. O objeto real é sempre o objeto material tal como ele aparece na experiência, e todo objeto material efetivamente presente tem uma multiplicidade de aspectos e de dimensões que tornam impossível uma ciência que o considere na sua concretude. Por exemplo, você pode estudar um elefante sob o ângulo zoológico, ecológico, etc. Mas não existe nenhuma ciência que pode concretar todos os aspectos sob os quais um elefante pode ser visto na realidade da experiência, incluindo os aspectos mitológicos, as várias experiências que os seres humanos tiveram com elefantes, o elefante que faz parte da sua imaginação etc. Tudo isso também faz parte do elefante e não é possível concretar.

Imagine, por exemplo uma ciência que ao mesmo tempo estudasse a embriologia do elefante e o preço do marfim no mercado, e tentasse encontrar

princípios comuns entre esses dois aspectos. Seria absolutamente impossível. No entanto o objeto concreto real, que nós chamamos elefante, tem realmente esses dois aspectos inseparavelmente. Um elefante que foi gerado por tais e quais processos embriológicos conhecidos é o mesmo elefante cujo marfim custará tanto no mercado. Não são dois elefantes. Há aí uma distinção, mas não uma diferença real. Não há uma diferença efetiva entre o elefante que foi gerado por certos processos e o elefante cujo marfim custa tanto no mercado. Eles são o mesmo elefante concretamente.

Isto é o que a escolástica chamaria de distinção real-mental. São coisas realmente distintas, mas cuja distinção só pode ser apreendida na mente, você não as pode separar efetivamente na realidade. Você não pode separar o fato de que os dentes do elefante são feitos de uma tal matéria que tem certo valor no mercado e o fato de que o elefante foi gerado por certos processos embriológicos. Isso não é distinguível na realidade, mas é distinguível mentalmente.

(Além disso, há vários objetos que a escolástica encara sob o aspecto que eles chamam de distinção real-real. Por exemplo: a distinção entre um elefante e uma ação na bolsa de valores. É uma distinção totalmente real, uma coisa não tem absolutamente nada a ver com a outra. Ou a famosa distinção do Husserl entre a embriologia e a trigonometria. Não tem jeito de você estudar os triângulos sob o aspecto embriológico nem os embriões sob o ponto de vista trigonométrico. Isto é o que se chama a distinção real-real).

A distinção real-mental é esta entre a embriologia do elefante e o preço do seu marfim no mercado. Estas duas coisas não são separáveis na realidade, porque o marfim que será vendido é efetivamente o marfim que pertencia a este elefante em particular, mas ao mesmo tempo você está se referindo a aspectos distintos.

E finalmente existe a distinção puramente mental, que você só distingue mentalmente e não corresponde a uma diferença real na estrutura do indivíduo. Um exemplo característico disso é que todo mundo tem um nome e um sobrenome. O nome o designa enquanto indivíduo distinto e o sobrenome o designa enquanto membro da família. Mas o indivíduo distinto e o membro da família não são a mesma pessoa? Se eu entro na sala o sujeito diz: "Entrou o Olavo de Carvalho"; é possível entrar primeiro o Olavo e depois o Carvalho, ou primeiro o Carvalho depois o Olavo? Não é possível. Tem que entrar os dois juntos porque eles são a mesma coisa, apenas considerados sob dois aspectos diferentes. Todos os objetos que são estudados pelas várias ciências são obtidos através de distinções que podem ser reais, reais-mentais ou puramente mentais. Por exemplo, se você pegar todos os objetos que a Matemática estuda, eles podem ser estudados concretamente? Não, nenhum. A Matemática não tem um único objeto concreto. Eles só são constituídos por abstração. E você não pode ter nenhuma experiência efetiva dos objetos matemáticos, a não ser na medida em que eles aparecem nos objetos dos sentidos, ou na sua imaginação, ou como você os concebe.

Quer dizer, o campo inteiro das matemáticas é constituído do estudo de objetos dos quais você não pode ter a mais mínima experiência direta. Eles não são objetos de experiência, mas de concepção. São coisas que você concebe a partir de analogias feitas com certas observações do mundo real. Por exemplo, se você disser que essa mesa aqui tem um metro e vinte centímetros, você estará dizendo uma realidade? Não. Você apenas comparou um objeto físico – a mesa – com outro objeto físico – uma régua – no qual você mesmo introduziu certas medidas. Então, a medida em si mesma não é jamais um ente do mundo real. Vamos separar aqui o que é medida e o que é dimensão. Mas mesmo a dimensão não pode ser concebida em si mesma, toda dimensão é sempre comparativa. Nós sempre dizemos que uma coisa tem um tamanho em relação a uma outra coisa. Nós podemos conceber, por um esforço de abstração, o que seria uma medida absoluta. Por exemplo: se existisse somente uma mesa, solta no ar, sem nenhum objeto em torno dela, num vácuo absoluto e eterno, e mesmo nessas condições continuasse a ter um metro e vinte de largura. Mas você percebe que esse raciocínio é extremamente forçado. Você tem uma impressão de fixidez e de absolutidade da existência daquela mesa porque você fixou a medida dela, e está considerando a medida separadamente da mesa real. [0:10] Dizer que um objeto teria as mesmas dimensões se nada mais existisse é claramente um absurdo. Os tamanhos não passam de relações espaciais entre objetos. Se existisse um objeto único, que tamanho ele teria? Não faz sentido você pensar em termos de tamanho. Tamanho é uma relação de proporção de um objeto com relação a um outro objeto. Mas nós estamos tão acostumados com a mentalidade matematizante que hoje em dia as pessoas têm dificuldade de entender isso que eu estou dizendo. Elas acreditam que medidas são dados objetivos. Nenhum objeto tem em si a sua própria medida. A medida é dada pela comparação entre ele e outros objetos. Se você soltar um objeto no espaço infinito, quanto ele mede? Essa pergunta não faz sentido.

Aluno: Mas as categorias “quantidade” e “relação” não se misturam?

Olavo: Claro, uma coisa depende da outra. Você não pode se esquecer de que as categorias são modalidades de apresentação do ente; aquilo que é real pode se apresentar a você como uma substância, como uma qualidade dessa substância, como uma quantidade etc. Mas elas pressupõem, precisamente, a multiplicidade de substâncias. Se existisse uma substância única, absoluta e eterna, como você aplicaria a ela as categorias? As categorias são modalidades do ser, o que quer dizer que o ser mesmo não pertence a nenhuma das categorias.

Tome o ser como sinônimo de existência em geral. Dá pra você entender o ser em contra-distinção ao nada. De um lado há aquilo que existe, e do outro aquilo que não existe, nunca existiu e nunca existirá. A existência é a pré-condição de qualquer conhecimento possível. Todas as ciências, todo o conhecimento que você tenha, versam sobre algo que existe. Se o objeto de uma ciência não existe, nunca existiu nem pode existir, essa ciência seria o que se chama meontologia. O que é então a meontologia? É o estudo do não ser. Nós podemos até estudar o não-ser por contra-distinção ao ser, mas não

em si mesmo. E o ser? O ser pode ser estudado de qualquer maneira, é sempre estudado, e tudo o que é estudado é o ser, ou seja, algo que existe, que não é um nada. Isso quer dizer que qualquer estudo ou conhecimento tem embutido em si uma ontologia: dois ou três princípios, afirmações, ou proposições gerais sobre o ser, que essa ciência aceita implicitamente. Ela não questiona esses princípios porque eles não fazem parte do seu campo. Por exemplo: a geografia é a ciência das dimensões, qualidades e propriedades da terra – dos fenômenos terrestres. A geografia supõe, primeiro, que esses fenômenos existem, porque se não como ela iria estudá-los? Segundo, que esses fenômenos existem em um espaço determinado, não existem no vácuo.

Uma outra distinção importante: quando Aristóteles diz que substância é aquilo que nem é parte de um outro ser, nem atributo do ser, ele não quer dizer que essa substância pode existir separadamente. O fato de que um ente não é parte nem atributo de um outro é válido somente com respeito à essência, não com relação à existência. Isso é absolutamente fundamental, porque na verdade tudo que existe depende de outra coisa, é parte de alguma outra coisa, ou pode ser considerado como atributo de outra coisa. A Terra, por exemplo, é parte do Sistema Solar. E quando você vê as determinações de conjunto que regem o sistema solar, você percebe que a Terra depende delas, e elas não dependem da Terra; quer dizer, a Terra pode ser vista como um atributo daquele sistema. Do ponto de vista existencial a definição de substância não vale mais. Ela só vale com respeito à essência. Para a Terra ser o que é, ela não precisa nem ser parte de algo nem atributo de algo. Mas para ela existir concretamente ela tem de ser as duas coisas.

Portanto, quanto mais você estuda e usa essas distinções todas pelas quais começa a lógica, você percebe que, em vez de elas darem uma estrutura ao conhecimento, elas também tem de ser estruturadas. É por isso mesmo que eu não acredito que possa existir uma lógica sem considerações ontológicas gerais.

O Frithjof Schuon (que foi uma das grandes inteligências do Séc. XX, apesar do que nós possamos dizer sobre ele) dizia que a lógica é uma ontologia do microcosmo do raciocínio humano. Na verdade ela não é nem isso. A lógica é uma ontologia aplicada à ordem, à estrutura do raciocínio humano. Porque a lógica não se interessa por como nós raciocinamos – com o raciocínio como um fenômeno psicológico real –, mas somente com a ordem do raciocínio. Então a lógica é uma ontologia do raciocínio formalmente consistente. O objeto da lógica, no fim das contas, é somente isto: o raciocínio considerado não como fenômeno psicológico real, mas apenas como estrutura e ordem. O próprio objeto da lógica não é um objeto material. Ele é obtido através de uma série de abstrações.

Mais ainda, quando nós entramos em considerações ontológicas mais profundas e mais complicadas, os conceitos da lógica se tornam mais problemáticos na medida que você os tome como representativos de fenômenos reais, e não como um conjunto de formas que foi obtido por abstração.

A qualquer objeto da natureza que você tome vai se aplicar o Triângulo de Peirce; este objeto é um signo de uma idéia que você tem. A água, por exemplo. Uma coisa é a água que está correndo na torneira ou em um rio, outra coisa é o que você sabe dela. Este símbolo representa um conjunto de propriedades que, para você, define o que é a água. Por exemplo, o fato de que ela pode ter a sua forma alterada sem alteração de volume, o fato que ela seja transparente, translúcida, inodora, não ter gosto etc. Então você tem o signo concreto, a água; tem também o significado, que é o que você pensa a respeito; e tem, como dizia Pierce, o referente, isto é, o que você está querendo dizer com água naquele momento. Por exemplo, você está precisando de água porque está com sede: o significado da água é o mesmo, mas ele está se referindo a um uso específico da água, que é matar a sua sede. Da mesma forma se for para tomar banho, já é uma outra coisa, ou se você mandar água para um laboratório examinar, é outra coisa, se é uma água de uma tempestade, ou de uma enchente, é uma outra coisa ainda, ou ainda se é uma água de batismo, se são as águas primordiais, das quais a Bíblia fala etc. Então, isso é o referente.

Num livro maravilhoso, publicado recentemente, que se chama *A crise do simbolismo religioso*, Jean Borella lembra que a possibilidade de você articular esses três elementos do triângulo de Pierce – o signo, o significado e o referente –, reside, em última instância, em uma referência metafísica. [0:20] Porque, por exemplo, a água que se usa no batismo representa a matéria-prima, aquela matéria sem qualidades, mas que pode adquiri-las. Essa água é um aspecto da possibilidade universal. Portanto, quando você é batizado, está sendo imerso na possibilidade universal, ou seja, todas as formas dos entes individuais se dissolvem e voltam ao estado de pura potência. É por isso que se diz que no batismo você se livrou do pecado original – um ato que foi cometido antigamente e que deixou a sua marca, a qual é dissolvida pelo batismo. Por que isto é possível? Porque você usou a água como um símbolo literário da possibilidade universal ou da matéria-prima? Não. Isto pode ser assim porque a possibilidade universal e a matéria-prima existem necessariamente. Se nada as personifica no círculo dos entes reais e sensíveis, nós jamais poderíamos ter acesso a estas noções. Isto quer dizer o seguinte: a matéria-prima não é a água, mas a água é a matéria-prima. Ela não é outra coisa.

Este é o sentido do simbolismo metafísico, religioso etc. Isto quer dizer que certas entidades de escala puramente metafísica estão expressas diante de nós mediante as suas encarnações sensíveis. Isto não é a mesma coisa que uma figura de linguagem ou um símbolo literário. O símbolo literário é uma relação de analogia entre dois entes que na verdade não estão relacionados exceto sob um aspecto, uma propriedade. Mas no caso do símbolo religioso autêntico a conexão entre o símbolo e o que o Borella chamaria de referente metafísico não é inventada, mas também não é bilateral. Uma coisa representa a outra, mas a outra não representa a uma. Quer dizer, a existência da possibilidade universal não depende absolutamente de água, mas a água representa a matéria-prima, que é um aspecto da possibilidade universal.

Veja como a coisa pode ser analisada em duas direções absolutamente opostas: por um lado, quando você se refere a uma substância água, ela é concebida essencialmente como alguma coisa que nem é parte de outra nem é atributo de outra; a água existe e para ela ser água ela não depende de nada mais. Nesse sentido ela é uma substância.

Porém quando a encaramos na escala metafísica, ela não é mais uma substância, ela é um símbolo de algo que é a verdadeira substância (no sentido que a realidade das realidades é a possibilidade universal, e tudo mais que possa aparecer é adjetivo em relação a ela). Você pode dizer isso até de si mesmo: “eu, fulano de tal, sou uma substância, não sou parte nem atributo de nada”. Considerado em um certo plano, é assim. Agora considere-se em face da possibilidade universal, quem é você? É um atributo da possibilidade universal, manifestado muito mal e porcamente num planetinha deste tamanho. Estes dois pontos de vista são contrários e se articulam, e se você quer tirar bom proveito da lógica, precisa saber ela inteira funciona de maneira invertida quando é elevada ao plano metafísico. E isto acontece porque os conceitos da lógica não transmitem efetivamente realidades, mas apenas a ordem e a estrutura da consistência interna do pensamento. Não transmite nem o pensamento humano na sua concretude, mas apenas a sua ordem interna. Também não esqueça que não há nenhum jeito de você separar qualquer sentença humana do fato de que o discurso tem aqueles quatro níveis que nós já estudamos na teoria dos quatro discursos. Tem um nível poético; um nível de comunicação ou retórico; um nível dialético, na medida em que cada sentença se opõe à sua contrária; e finalmente ele vai ter uma dimensão lógica, ou seja, ele representa algo dentro da estrutura da ordem do raciocínio. Não há nada que você possa afirmar que exista somente no plano lógico, sem significado dialético, retórico nem poético. Isto é absolutamente impossível. Isso quer dizer que o discurso humano do qual trata a lógica é somente um aspecto do discurso humano, considerado separadamente dos outros, embora ele não possa existir separadamente.

Por exemplo, frequentemente nós abrimos um livro de Matemática e vemos um sujeito louvando uma demonstração matemática, como se ela fosse uma obra de arte. Ele está encarando a forma de uma demonstração, ou de um cálculo, como sendo uma obra de arte, portanto como sendo uma forma que diz algo à sua imaginação. Porque qual seria o equivalente matemático da noção de beleza? Não tem. Alguém pode dizer que é simetria, mas eu digo que se você pegar uma coisa muito feia, e colocar outra do lado, inversa, o resultado vai ser simétrico mas nem por isso vai se tornar bonito. A noção de beleza, portanto, tem algo que não é matematicamente equacionável, embora você possa fazer analogias matemáticas, como a própria noção de simetria, harmonia etc. São noções que expressam aspectos da beleza, mas que não conseguem defini-la e apreendê-la.

Falando em beleza, notem o seguinte: todos nós algum dia, na infância, adolescência ou juventude, vimos alguma coisa que era extraordinariamente bela – digamos uma paisagem, um rosto humano, uma obra de arte, o mar; e naquele momento você teve o vislumbre de que aquilo significava, indicava,

simbolizava uma outra espécie de beleza superior, infinita, eterna, imune a toda a dor, corrupção, decepção etc. Todos nós tivemos essa antevisão. Acho que não tem um ser humano que nunca tenha tido isso na vida. Só que nem todos tivemos essa experiência pelo mesmo tempo, com a mesma intensidade, com o mesmo significado pessoal e com os mesmos resultados de longo prazo. Por exemplo, para algumas pessoas isso pode ter representado uma ilusão de momento, e depois ele vai pensar em outras coisas. Para outros, isso pode ser até uma incomodidade, um momento de fraqueza no qual ele se permitiu deleitar no sonho, na ilusão, escapando às exigências da vida prática. Para um terceiro, pode ter sido uma coisa que despertou nele uma ânsia estética, um anseio de beleza, que ele tenta durante o resto da vida suprir de alguma maneira. E como ele supre o seu anseio estético? Aí a coisa se diversifica novamente. Uns, por exemplo, podem transformar esse anseio de beleza em um anseio erótico eternamente insatisfeito. [0:30] Ele então procura por parceiras ou parceiros, e fica extasiado por aquilo. Outros podem criar uma mania propriamente estética ou artística. Ele tem que curtir obras de arte o tempo todo, ele se torna um diletante, tem de estar o tempo todo ouvindo música, ou frequentando salões de arte, tem aquela necessidade da beleza física repetida e repetida, que nunca vai satisfazê-lo totalmente, mas da qual ele também não pode se privar por um instante sequer, e assim por diante. Quer dizer, a mesma experiência que todos tivemos pode não só representar subjetivamente coisas diferentes, mas ter um efeito diferente na vida de cada qual.

Para algumas pessoas, mas só para algumas, esta experiência não se esgota no aspecto estético mas, nessa sugestão de beleza eterna – que é apenas uma sugestão que o indivíduo teve –, se embute também a noção da beatitude, ou seja, da felicidade eterna, da consumação de todos os desejos humanos e da extinção de todas as dores e sofrimentos. E neste aspecto da beatitude fica embutido também o aspecto da verdade eterna, da resposta a todas as perguntas. Abertura, portanto, para uma coisa que seria a verdade infinita. Não confundam a verdade infinita com a busca infinita da verdade. A busca da verdade, como nunca termina, se alterna entre satisfações e insatisfações. Quer dizer, você descobriu uma coisa, mas em seguida você percebe que ignora outra, ou que aquela apreensão da verdade que você teve foi insuficiente, imperfeita etc. Não é disso que eu estou falando. Não é caminhar entre luzes e trevas, mas caminhar de verdade em verdade. A verdade que em si mesmo é infinita, não é a busca que é infinita.

Isso quer dizer que a verdade é aí compreendida não apenas como objeto de conhecimento, mas como auto-revelação e auto-manifestação de uma verdade inesgotável. Então aí se juntam os famosos três aspectos: a beleza, a verdade e o ser. São os três transcendentais que Duns Scot dizia serem três aspectos da mesma coisa.

Então, para alguns de nós esta experiência mostrou que existe a possibilidade da beleza sensível, que está acessível a mim neste momento, porque acima dela existe algo que a possibilita, e este algo é justamente a verdade infinita. Se não existissem a verdade e a beleza infinitas, também não existiriam as

finitas. A coisa mais necessária no mundo é o infinito. Esta é a primeira noção que todo mundo tem de ter: se você não compreende que o infinito existe necessariamente, e que tudo o mais pode ser contingente, então não dá nem pra você começar a raciocinar.

Eu disse que essa experiência tem diferentes resultados na vida de cada um, ela vai modificar você de diferentes maneiras, conforme o modo como você a entenda. Se você a entendeu nesse sentido pleno, que foi o que eu disse aqui, mesmo que no momento você não fosse capaz de traduzir isso em palavras, como geralmente nós não somos, qual é o efeito que isso tem na sua vida? O efeito é que aquilo marcou pra você de uma vez para todas um senso de direção: agora você sabe pra onde tem de ir. Se você entendeu que existem verdade eterna, bondade eterna e beleza eterna; é claro que isto tem de ser o objetivo de todos os seus esforços. Nada mais importa em face disso. Então aí você adquiriu um senso de direção. Ora, existem muitas atividades humanas que simbolizam este senso de direção – entre as quais a Filosofia, a Moral, a Religião etc. Mas elas apenas a representam; elas também são símbolos, não são a realidade.

Isso quer dizer que qualquer dessas atividades na qual você se encaixa para ir na direção da verdade eterna, beleza eterna que você vislumbrou, cada uma delas tem, com este seu referente metafísico, por assim dizer, uma relação ambígua. Assim como todo símbolo tem uma relação ambígua com o seu significado, porque ele indica o seu significado, mas não é exatamente aquilo.

Por exemplo, suponha que você vai se dedicar à religião: se a religião fosse em si mesma a verdade e a beleza eternas, não existiriam a Teologia da Libertação, Padre Maciel, Concílio Vaticano II, Bispo Macedo, toda essa porcariada que historicamente acompanha a Religião em cada um dos seus passos. Você não vai encontrar uma época em que não existisse essa corrupção profundamente imbricada na atividade religiosa.

Portanto, nem mesmo a religião é isto que você está buscando. A filosofia, então, nem falar. A filosofia sempre foi a busca da verdade, mas por entre o erro, a estupidez, a ilusão, a mentira, o auto-engano etc. Ou seja, não há nenhuma atividade humana que satisfaça esta finalidade, mas todas elas servem para isso na medida em que você se recorde dessa experiência e entenda o que ela lhe mostrou e o que é para ser buscado. É este o principal critério de diferenciação dos seres humanos: há aqueles que recordam, e há aqueles que se esquecem. Aqueles que esquecem atraem sobre si a maldição, como está representada nas famosas redondilhas de Camões, nas quais o escravo na Babilônia se recorda da sua terra originária, Sião, que representa a pátria celeste, ou seja, esta verdade, beleza etc., e não só um lugar no espaço, uma pátria física, geográfica. A pátria física fica como um símbolo. Portanto, ali, o salmista e o poeta dizem: “Se eu me esquecer de ti, que eu seja amaldiçoado”.

Ora, essa é a maldição que todo mundo está atraindo sobre si vinte e quatro horas por dia, porque tudo que as pessoas querem é esquecer isto, e acreditar que os elementos materiais, singulares, concretos, que compuseram aquela

experiência, existem em si e de per si. E daí vem a própria lógica e ainda ensina pra eles que a substância é aquilo que não é nem qualidade nem atributo do outro. Aquilo que é dito no plano da essência ou da definição lógica, o indivíduo entende no sentido existencial e ontológico, e entende que essas coisas existem de per si. Não, elas têm uma essência de per si, mas não existem sem as outras coisas. Nada existe sem outras coisas, tudo no mundo está numa relação de interdependência e, considerada em face da possibilidade universal – a onipotência divina – é tudo símbolo. E, se é símbolo, não passa de um atributo e, pensando bem, não tem substancialidade alguma.

Você ter ao mesmo tempo a clareza no plano do raciocínio, que não confunde uma substância com seus atributos, com seus acidentes, e também não apaga a existência dos acidentes, da complexidade toda; e por outro lado você guardar a consciência metafísica de que essas coisas, consideradas no plano da infinitude são meramente adjetivas, isso aí é uma tensão, que eu considero um elemento essencial da inteligência humana. [0:40] Quando você perde essa tensão, você se abre para aquela dimensão de infinitude, e então tudo lhe parece inexistente e irrelevante.

Mas acontece que é nesta dimensão, da inconsistência, da irrelevância e da finitude, é ali que você está vivendo, esta é a sua realidade. Você não é a beleza eterna nem o ser eterno. Você, em nome do ser eterno, está mentindo, está vivendo em um estado de beatitude que é apenas um fingimento.

Por outro lado você também pode, dada a impossibilidade de você realizar de imediato aquela verdade e beleza eternas, ficar com raiva delas e, como no caso da raposa e as uvas, dizer que isso tudo não existe, que é invenção, e apenas o que existe é aquilo que nós podemos contar, medir etc. Todas essas são reações mórbidas que visam a aliviar uma tensão que, eu reconheço, às vezes pode se tornar insuportável. Quer dizer, a consciência da beleza eterna, quando ela aparece inseparavelmente ligada à consciência da contingência, da finitude, das limitações do ser humano etc., assim como da consciência de todos os perigos, de toda a feiura etc, é uma coisa que estica a nossa alma até quase o ponto da ruptura.

Se vocês lerem o livro do Nicolae Steinhardt, *O Diário da Felicidade*, vão ver aquele indivíduo imerso na contemplação da beleza eterna, ao mesmo tempo em que ele estava jogado em um buraco de uma prisão, sendo torturado, sem comer, sendo humilhado diariamente, e essas duas coisas estavam ali presentes o tempo todo. A mesma experiência você vê no relato do pastor Richard Wurmbrand. Ou seja, eles não voltaram as costas à realidade contingente, e não apagaram, em nome dela, a visão da beleza eterna. É esta capacidade para os extremos que dá a medida da inteligência humana. Para um lado, você está aberto para o infinito. O que existe para além do infinito? Nada. E para o outro lado, você está aberto para uma dimensão de finitude imediata abaixo da qual também não existe nada. Esta é a régua da inteligência humana.

Como preceito de método, nós podemos adotar esta regra: você só está antenado, sintonizado na verdade quando está vendo as coisas com esta

amplitude. Por exemplo, suponha que você está analisando um acontecimento qualquer, ou que esteja fazendo um estudo científico. Você está agudamente consciente da presença daqueles objetos e fatos que você está estudando, mas ao mesmo tempo, num outro plano de infinitude metafísica, você sabe que eles não são nada. E você não consegue se livrar nem de uma coisa nem da outra. Por quê? Porque você tem em si mesmo essas duas dimensões. Você tem a dimensão da eternidade e tem a dimensão da finitude, inseparavelmente. Quando você se situa nesta medida, você está adequado não só ao seu objeto, mas às suas próprias dimensões. O que é o mesmo que dizer que você está considerando as coisas na função e no lugar que elas têm dentro da estrutura da realidade. E é isto também o que deve orientar a sua compreensão de todo o sistema das ciências, de todo o sistema do conhecimento humano. Tudo vai ter um determinado lugar dentro desta escala, que vai do infinito para o finito. O que também significa que todo o conhecimento humano só pode ter algum sentido se ele for considerado dialeticamente. O elemento opositivo, paradoxal, está presente em tudo, e, se amputado dele, o conhecimento está totalmente coisificado, transformado em um fetiche.

Quer dizer, você negar a existência do infinito em função do finito é uma coisa inteiramente absurda porque se o finito está dentro do infinito, aquele é um componente deste e não pode ser negado. Não adianta você dizer que tudo isso é *Maia*, que é o véu da ilusão, que nada disto existe, só existe a infinitude metafísica. Eu digo que se existe a infinitude metafísica, existe o que está dentro dela também. E o infinito, se transcende o finito, necessariamente o contém e abrange. Portanto, não há saída.

As pessoas querem entrar em discussões teológicas a respeito da pessoa do Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora, a pessoa de Cristo condensa exatamente essa mesma tensão que eu estou mostrando. Quando se diz que ele é homem e Deus ao mesmo tempo, que tem duas naturezas inseparáveis, a mentalidade simplória pode dizer que isso é impossível; eu digo que só isso é possível. Se não fosse assim, as duas dimensões seriam separadas e nenhuma delas poderia existir como tal, nem o infinito poderia existir. Se nada existe de finito, então o infinito só poderia existir como potência nesse caso.

Quer dizer, alguma coisa finita sempre existiu. Olhem que coisa impressionante: quando dizemos Deus infinito eterno é o único que existe. Sim, mas dentro de Deus, como possibilidade, sempre existiu alguma coisa finita, eternamente. Uma coisa não é separada da outra. Ora, eu creio que os estudos de lógica, se conduzidos sem essa devida consciência do alcance metafísico do que você está lidando, podem mutilar a sua mente para sempre. Podem mutilá-la ao ponto em que você vai esperar que as ciências da natureza se transformem no verdadeiro árbitro da realidade, coisa que por definição elas não podem ser. Na cultura atual existe uma dimensão chamada realidade que é a do mundo físico – estudado pela Ciência – e outra que é a dimensão do pensamento humano – da cultura, da imaginação, da criatividade humana etc. E só aquela partezinha estudada pela ciência é chamada realidade. O resto, por assim dizer, é invencionice. Para você acreditar nisso, você precisa acreditar também que a ciência que determina o coeficiente de realidade das

outras ciências será aquela que, dentre as ciências, é a mais exata e a mais segura.

Então você vai procurando até descobrir um negócio chamada Física Quântica. E você pensa: ali os caras acertaram, esse negócio é exato. Sim, ela é exata, mas se baseia totalmente em entidades que não podem sequer ser definidas verbalmente, mas só equacionadas matematicamente, [0:50] e cuja natureza é não só desconhecida como incognoscível, porque você não sabe se elas existem ou não existem. A própria palavra existência nesse caso se torna ambígua.

Isso quer dizer que essa opção, essa aposta na autoridade cognitiva das ciências termina aí: a única coisa segura é um conjunto de equações que nós temos sobre algo que nós não sabemos o que é, e nem sequer sabemos se existe. É incrível como as pessoas chamam isso de materialismo. Nós não sabemos se essas coisas são materiais. Aliás, a própria palavra matéria perde todo o sentido nessa dimensão, e é evidente que toda a crise ontológica dentro da qual vive a Física Quântica desde que ela apareceu é a prova derradeira de que, longe de se poder substituir a uma concepção ontológica geral, toda ciência está sentada em cima de alguma concepção ontológica, em face da qual ela tem de prestar satisfação pelos seus objetos. Aqui temos uma pergunta:

Aluno: O sr. poderia falar um pouco sobre a causalidade eficiente relacionada a certos fenômenos quânticos cuja ocorrência parece se dar espontaneamente, como o processo de decaimento? Alguns afirmam que haveria um rompimento na série causal, o que soa evidentemente absurdo.

Olavo: Bom, o simples fato de existir essa questão já mostra como a Física Quântica está incerta com relação à consistência ontológica dos seus próprios objetos. Eu não tenho resposta a essa pergunta, mas os físicos quânticos também não têm. Isso quer dizer que aí foi trocada a busca do conhecimento pela simples busca da exatidão matemática, mesmo quando a exatidão matemática se refere a coisas que você não sabe o que são nem se existem. Ora, se isso terminou assim, foi porque na realidade já começou assim.

Vejam que quando a Inquisição mandou queimar Giordano Bruno, ela fez um negócio muito errado; queimaram o sujeito errado. Porque toda essa confusão no mundo cognitivo atual já havia sido prevista por Giordano Bruno. É uma grande empulhação histórica você colocar Giordano Bruno como mártir da ciência, porque ele não praticou nenhuma das ciências da Renascença, das ciências modernas, nada disso. Ao contrário, ele era contra o método matemático nas ciências físicas. Embora ele fosse um inimigo de Aristóteles sob tantos aspectos, ele o seguia nesse ponto. Ele dizia que não existem quantidades exatas na natureza, e portanto o que se faz é trocar um objeto por outro. Em vez de lidar com essas medições, temos que observar a conduta real dos objetos na natureza. Se vocês forem por esse lado [das medições], vão acabar inventando um outro mundo que no fim ninguém sabe o que é. E não foi exatamente isso que aconteceu? Giordano Bruno não descobriu isso por ser

um profeta, ele simplesmente raciocinou a partir das premissas que estavam ali colocadas.

Agora, uma boa pergunta é: como foi possível que todos esses filósofos científicos conseguissem vender para as pessoas, como se fosse a própria definição da realidade, um conjunto de relações matemáticas que eles não sabem nem a que se refere? O que pode haver de menos material do que este conjunto de equações? E, no entanto, o cidadão comum ou *homo vulgaris* acredita que a ciência lida com o mundo material da nossa experiência, quando não é. Não é e não pode ser.

A nossa experiência se define por ser experiência concreta, e (eu não sei se eu expliquei isso nesse curso ou em outro) a capacidade de você perceber qualquer fato concreto é uma capacidade intelectual tão alta, mas tão alta, que o conjunto das ciências não se iguala a ela.

Quando nós percebemos um fato concreto, nós percebemos quais são as várias substâncias envolvidas, as essências dessas substâncias – ou seja os seus equivalentes lógicos – o conjunto das propriedades que foram postas em ação e que as ficaram latentes, e a infinitude dos acidentes sem os quais o fato concreto não poderia acontecer. Nós percebemos tudo isso instantaneamente, isto é, num simples ato de percepção. Ora, é claro que esta é a ciência mais alta que existe, e esta ciência qualquer ser humano exerce a todo momento; só que não é capaz de refletir sobre ela, é capaz de praticá-la. Na hora que você começa a refletir, você entende que a capacidade de síntese, de abrangência, que a inteligência humana manifesta ao perceber qualquer fato concreto, é uma coisa quase miraculosa.

Além de ter este aspecto de, vamos dizer, abrangência imensa e síntese instantânea, ainda há um outro aspecto, ao qual já me referi *en passant*: a percepção humana capta imediatamente não só o fato particular concreto, mas a dimensão de universalidade que aquela coisa tem. Na medida em que você capta as formas inteligíveis, você sabe o que as várias substâncias envolvidas são. Você já as está vendo instantaneamente, de modo inseparável, ao mesmo tempo, na sua dimensão particular, singular, concreta, momentânea e na sua dimensão universal. Basta isso pra você perceber que a idéia de explicar este ato de conhecimento pela fisiologia cerebral é absolutamente impossível. O ato de conhecimento, mesmo o mais simples, ele é em si mesmo inexplicável porque tem uma dimensão infinita. E isto está ao alcance de qualquer indivíduo, por mais burro que seja.

Quando, por exemplo, um retardado mental percebe que um gato subiu no telhado, veja a imensidão de conhecimentos que estão sintetizados ali. Está sintetizada a percepção dos singulares sensíveis, as suas respectivas essências – ou seja as definições das respectivas espécies –, estão dadas ali todas as categorias – quantidade, qualidade, ação, paixão etc. –; tudo isso ao mesmo tempo, mais o senso da temporalidade e da espacialidade. Tudo isso conectado no simples fato de pensar que o gato subiu no telhado. Não tem nenhuma ciência que possa reproduzir isto. O pensamento científico é tosco comparado à percepção comum, porque ele tem que reconstituir totalidades

simples, tem que desmembrar em um milhão de pedacinhos e depois reconstituir parcialmente, sem nunca poder pegar um único fato concreto.

Então, se nós perguntarmos o que é propriamente a Filosofia, eu digo que é sobretudo uma reflexão sobre este ato do conhecimento concreto. Ela tenta elucidar o que se passa no ato do conhecimento para que ele se torne mais consciente de si mesmo, e portanto possa ser vivenciado com uma consequência clara de todo o seu alcance, de toda amplitude do seu significado e, por assim dizer, da importância interna que tem o mais mínimo ato de conhecimento.

Eu sei que, à medida que eu vou dando essas explicações, as exigências metodológicas que estão sendo colocadas aqui também vão se ampliando, ao ponto em que as pessoas podem pensar como vão levar tudo isso em conta. Você não tem que levar isso em conta, você tem apenas de perceber que você já está levando isso em conta. [1:00] Nós não vamos acrescentar nada ao que você sabe e aos atos cognitivos que você já pratica.

Apenas estamos fazendo com que você reflita sobre eles para que esta reflexão intensifique este ato. Quando eu me referia à experiência (da experiência da beleza que dá um vislumbre de beleza eterna) e disse que esta mesma experiência pode ser vivida com diferentes graus de intensidade, é disso que estou falando. Nós não estamos tentando acrescentar nada, estamos pretendendo apenas intensificar o seu nível de participação consciente nestas experiências. O que significa que qualquer indivíduo que passou por essa experiência, mas a banalizou em seguida, pode, a qualquer momento, retornar e vivenciar aquilo de outra maneira. Basta querer.

Na verdade, nós podemos dizer que "inconscientemente" todos tiveram a mesma experiência, portanto, a riqueza que um percebeu, e o outro não, está lá embutida esperando que este segundo a perceba a qualquer momento. Então a recordação destas experiências fundamentais é também fundamental para a sanidade da nossa inteligência e, sobretudo, para que ela não perca o seu potencial. Pode-se entender aqui o potencial no mesmo sentido com que se usa em qualquer estudo científico onde entra um negócio chamado energia. Por exemplo, se há uma queda d'água e a queda é alta, então há um potencial energético ali enorme por causa da queda d'água. Mas, depois, se a erosão vai baixando a altura da queda d'água, o potencial diminui. O que eu disse no começo desta aula? É necessário esticar ao máximo a amplitude, do finito até o infinito, para aumentar o potencial; ou seja, cada um, de certo modo, é responsável pelo potencial de sua inteligência – a inteligência entendida não como exercício desta ou daquela função mensurável, os vários instrumentos da inteligência, como a inteligência verbal, espacial, ou estética; mas a inteligência considerada na sua máxima universalidade que é a capacidade de perceber o real.

Mas perceber o real é uma atitude que subentende perceber, ao mesmo tempo, a sua participação no real; não é assistir ao real como se fosse numa tela. Portanto, o verdadeiro ato de cognição inteligente é aquele no qual a consciência de um certo estado de coisas que você está vivenciando no

momento está inseparavelmente ligado à sua autoconsciência do ato e do modo de conhecê-lo. Ora, para as finalidades do conhecimento prático nós estamos o tempo todo separando uma coisa da outra, fazendo o que chamamos abstração. Isso quer dizer que a reconquista da capacidade para a inteligência filosófica vai na direção contrária; você não vai abandonar os procedimentos abstrativos, mas simplesmente vai lembrar de onde os abstraiu. Então, quando por trás de uma abstração se busca qual foi a experiência concreta que a originou, você vai sempre terminar nesta tensão entre o finito e o infinito. Quando chegar lá, você entra num plano de experiências interiores que se tornam, por assim dizer, indizíveis. Mas para quê elas precisam ser dizíveis, se todo o mundo tem a mesma experiência e sabe do que é que nós estamos falando? Ora, o mundo dessas experiências fundamentais que todos vivenciaram de algum modo, bem, este é o mundo real! Os outros são apenas mundos recortados pelos vários setores do conhecimento e nenhum deles é real em si mesmo.

Acontece que a cultura moderna acaba por definir como real apenas as interseções entre os atos de conhecimento praticados por todos os membros de uma determinada comunidade (que é a comunidade dos filósofos, sábios ou cientistas, como queiram); ou seja, é aquilo que todos eles sabem ao mesmo tempo, da mesma maneira e que podem confirmar verbalmente. É o conjunto dos conhecimentos científicos universalmente admitidos. Ora, o conjunto dos conhecimentos científicos atualmente admitidos, é, digamos, menor que um grão de areia quando comparado ao universo da experiência real de qualquer ser humano. Então se pergunta: "Mas o que aconteceu nos últimos quatro séculos"? Há quatro, cinco séculos [a ciência] começou tão bem e daí terminou em *Auschwitz*, no *Gulag*, nas duas Guerras Mundiais etc. Foi assim que aconteceu! Se você troca o mundo da experiência real por um mundo do consenso dos sábios, então está fora da realidade, evidentemente. O consenso dos sábios pode ser muito importante, mas em relação ao mundo da experiência real de qualquer pessoa ele é muito pobre, muito limitado e, sobretudo, não é real. Qualquer conhecimento científico só se torna real quando reencaixado dentro do universo da experiência real – não considerado de modo depreciativo, como às vezes se fala em conhecimento "pré-científico", ou "pré-filosófico". O mundo real é aquilo do qual você tem experiência nesta modalidade. Portanto, se você empina o narizinho para falar desse conhecimento, o que está fazendo? Está serrando o galho no qual sentou. E vai terminar com cinco ou seis equações matemáticas que você não sabe a que se referem! Vai dizer: "agora eu sei a realidade, só eu sei a realidade".

O fato de que o conhecimento, por exemplo, de alguma coisa como a física quântica dê um trabalho miserável para se adquirir (eu, tudo o que sei de física quântica foram dois ou três livros que li mais um cursinho breve ao qual assisti – e me deu um trabalho miserável para entender aquilo), valoriza-se isto mais do que se valoriza a percepção espontânea que lhe foi dada gratuitamente. Mas é só por que lhe deu trabalho. E porque o vizinho não fez aquele cursinho, não leu aqueles livros, então você começa a se achar importante porque tem aquele conhecimento e o outro não. Na quase totalidade dos casos, aquilo que nos é vendido como autoridade científica não é nada mais do que isto: um

grupo de pessoas que acreditam em certas coisas em comum cujo significado maior não são capazes de dizer, cujo encaixe ontológico desconhecem totalmente, mas que lhes custou um bocado de trabalho. Isso lhes custou a mensalidade da Universidade, e eles têm de valorizar porque isso lhes dá um prestígio social tremendo – é assim que começa a corrupção no mundo da ciência. É claro que os melhores praticantes de cada ciência não caem nisto. Eles têm a humildade de reconhecer a nebulosidade ontológica daquilo que estão dizendo; eles sabem que não entendem o que estão dizendo. Mas o praticante vulgar da ciência nunca pensa nisso. Ele acredita que está num mundo de realidades muito sólidas.

Quando, nos últimos tempos, começaram a aparecer casos assim, um atrás do outro, de fraude científica, significa que está na hora de a gente começar a pensar se esses camaradas não se corromperam porque nós os convidamos a se corromperem. Nós lhes demos autoridade maior do que eles mereciam, porque acreditamos que o desenvolvimento de certas habilidades intelectuais específicas valem mais do que a inteligência em geral – foi exatamente isto o que fizemos. E isso não vale só para a ciência, vale, por exemplo, para as artes também. Se você pega a obra inteira de um Pablo Picasso, nela se expressam tipos de [1:10] inteligência muito específicos que ele treinou e adestrou para fazer certas coisas muito limitadas; preencher superfícies planas com formas e cores – é só isso o que o cara sabe no fim das contas. E se nós perguntarmos: qual é o significado disto dentro da ontologia geral? Ele também não sabe! E nós o valorizamos precisamente porque não sabe e porque só sabe aquilo que está fazendo, isto é, pintar quadros. Nós pegamos as inteligências especializadas; que são especializadas precisamente em autolimitar-se e afastar-se ilimitadamente da consciência ontológica geral e valorizamos exatamente isto, que é uma espécie de automutilação; ou seja, valorizamos mais as habilidades especializadas do que a sabedoria!

Às pessoas que fazem isso se aplicam aquelas maldições da Bíblia: "vocês são todos assassinos de santos e profetas!". Querem é coisinhas: aquele quadrinho de Picasso, aquela teoriazinha científica etc; mas a realidade mesma, a dimensão maciça do ser, o infinito, as relações entre finito e infinito, esqueceram tudo! Pegaram o pedacinho e jogaram fora tudo o mais. É claro que isso é loucura! Notem bem que este não é um discurso contra a especialização científica – o que eu estou falando não tem nada a ver com especialização científica! Ao contrário, a especialização científica subentende a existência de um quadro ontológico geral dentro do qual as espécies se especializam! O que estou falando é o contrário: quando aquela espécie tomada em si mesma adquire a presunção de ser a totalidade do ser e nega tudo o mais. Isso começa no instante em que Bacon, Descartes, Galileu e outros fazem abstração das qualidades sensíveis e dizem que vão estudar a matéria – o que é uma coisa inteiramente absurda! Se só o que sobrou foram propriedades matemáticas, não há matéria alguma, meu filho! As entidades matemáticas não têm propriedades físicas reconhecíveis.

Notem bem que quando começaram com esta proposta nenhum dos sábios da Igreja percebeu isso. Mas Giordano Bruno, que eles mesmos queimaram, percebeu! Mesmo que Giordano Bruno tivesse escrito milhares de heresias, só

por esse aviso que ele deu já deveriam tê-lo tirado da fogueira ou lhe dado uma cátedra. Porque ele falou um monte de besteiras, mas deu avisos importantíssimos! Mas que ironia! O único sujeito que percebeu realmente a periculosidade da nova ciência que estava sendo criada, foi justamente esse que a Igreja queimou! E com Galileu o que eles fizeram? Sabe como foi a história do Galileu? Galileu era afilhado do Papa, então fizeram um processo de *kangaroo court* (como eles chamam aqui), que é um simulacro de processo, e disseram: "Vai lá, desmente o negócio da boca pra fora, depois volta pra Universidade e continua ensinando a mesma coisa que nós não vamos te amolar mais".

O próprio confronto que surge nesta época entre o geocentrismo e o heliocentrismo já implica em uma confusão enorme entre essas duas perspectivas: a perspectiva científica especializada e a ontológica. Porque, para a ciência medieval, o conjunto do céu visível era visto como símbolo da estrutura efetiva da realidade. Portanto, o fato de que existem planos diferentes de realidade estava ali condensado fisicamente para que as pessoas o vissem no céu. A estrutura propriamente matemática da coisa não tinha grande importância nesse aspecto, sob o qual não importa se a Terra gira em torno do Sol ou o Sol gira em torno da Terra; as duas perspectivas são simbolicamente aceitáveis. Na época, quando apareceu o negócio heliocêntrico, alguns teólogos disseram: "assim é até melhor, porque você coloca o Sol no centro, o Sol simboliza o Cristo e então tudo gira em torno do Cristo; isto também funciona." O fato é que o sistema heliocêntrico se impôs não como um novo sistema simbólico e sim como uma nova realidade. Mas ele também não é uma realidade, ele é tão simbólico quanto o sistema geocêntrico.

Então, neste momento em que se perde o senso da infinitude metafísica e o senso da natureza simbólica de tudo o mais que existe, começa um outro tipo de discussão para saber como é que um determinado fenômeno físico se articula com outro fenômeno físico. Olha meu filho, isso aí vai levar muito tempo para saber, porque os fenômenos físicos são em número ilimitado e você entrou numa direção de conhecimento na qual, para entender alguma coisa, vai ter de esperar que todos os fenômenos sejam conhecidos, relacionados uns com os outros e que daí tenha a fórmula total quantitativa. O que você está querendo é, em suma, o infinito quantitativo em ato o qual não pode existir. Então o conhecimento humano é, de fato, limitado a uma certa apreensão de um conjunto de fenômenos limitados no qual ele entrevê, simbolicamente, o infinito. E isso é tudo o que nós podemos fazer e, aliás, é o melhor que podemos fazer. Ou se eles dissessem que não queriam isso, que queriam um negócio exato... Bem, exato é ter que medir cada fenômeno, um por um, e o dia que se tiver a medida de todos, todos, todos, todos, aí há a concepção científica do Universo. É óbvio que isso é fazer buraco n'água.

Tanto que a ciência moderna se impôs, não pelos seus resultados cognitivos, mas pelos seus subprodutos técnicos. É claro que, do ponto de vista cognitivo, esta direção que Galileu, Bacon e outros deram ao conhecimento é perfeitamente estéril. Ela nunca pode chegar aos seus objetivos, jamais. Mas, no caminho, você vai tirando um ou outro proveito de ordem técnica, que não é

o objetivo dessas ciências, mas que é, por assim dizer, um *fringe benefit*. E estamos nós até hoje curtindo esta modalidade de conhecimento não pelo seu poder efetivo de nos dar uma visão clara da realidade, mas pelos subprodutos técnicos que tiramos dela e das vantagens econômicas que isso nos confere. No fim, tudo virou uma questão de dinheiro. E a justificação última da existência das ciências modernas é o dinheiro que elas produzem, não o conhecimento. Isso é saída de leão e chegada de cão. Quando você vê as pretensões dos fundadores da ciência moderna: "agora nós vamos decifrar o mistério último do Universo; nós vamos descobrir aquilo que queria Pitágoras, nós temos a fórmula matemática de tudo"; e depois vê que tudo terminou assim, numa mera questão de ganhar dinheiro, é claro que isto é uma decadência do ser humano. Isso não foi nenhum progresso do conhecimento, embora seja um progresso técnico-econômico fantástico. Mas está embutida em todos esses processos a negação da sabedoria, o ódio à sabedoria; portanto a anti-filosofia. E olha, à medida que tomam esta direção, então a semente da corrupção já está lá dentro.

Nos últimos tempos tenho dedicado algum esforço a esse assunto da fraude científica e eu mesmo estou boquiaberto, aterrorizado. Porque a confiança que nós depositamos no *establishment* científico é 99% [1:20] imerecida. Por exemplo, estou lendo agora este livro, *Buried Alive* do Jack Cuozzo. Jack Cuozzo era um ortodontista que foi até o *Musée de l'Homme* em Paris, onde está a maior coleção de esqueletos de homens de Neanderthal, para medir as arcadas dentárias dos referidos. Foi a primeira vez que se fez esta medição no mundo. O sujeito que foi o guru dele (o dentista que identificou o cadáver do Hitler e da Eva Braun) era um cara de prestígio universal, chamado Dr. Krogman. Ele (Cuozzo), conversou com este doutor sobre o negócio do homem de Neanderthal e surgiu essa idéia de medir essas arcadas que nunca foram medidas, nunca foram radiografadas. Ele conseguiu entrar no *Musée de l'Homme* levando os seus equipamentos, fazendo radiografias, e a primeira coisa que ele descobriu é que todas tinham sido montadas errado, isto é, os dentes não encaixavam. Resultado: aqueles esqueletos todos ficaram sem queixo, como macacos. Botando no lugar certo, aparecia o queixo! Até aí é fato – o fato eram as fotografias e não tem jeito de desmentir o cara. Agora, a conclusão a que isso nos leva é um ponto de interrogação – por que é que eles fizeram isso? Porque era fundamental mostrar que o homem de Neanderthal era um pré-humano. E quando você bota os dentes no lugar certo e aparece o queixo, conclui-se que eles eram humanos, gente como nós! Não eram antropóides, eram *antropoi*. Resultado: o sujeito começou a ser perseguido pela polícia, seguido por tudo quanto era lugar por agentes e teve que fugir para os EUA para não ser preso na França! Então está aí mais um exemplo de fraude científica. Essa é imensa, talvez a maior de todos os tempos. Todos os museus em que você vai tem lá um esqueletinho do homem de Neanderthal, mas é feito de plástico. Os originais estão quase todos lá no *Musée de l'Homme*. Ele foi lá, mediu e viu que estava tudo errado! Então imagine que você morre, pegam lá a sua arcada dentária e encaixam os dentes todos para trás de maneira a parecer que não tinha queixo. Você vira um antropóide, evidentemente. Bem, isto é um argumento contra a teoria da evolução? Claro que não, mas é um argumento contra todos os camaradas que montaram

esses esqueletos. E se a teoria da evolução depende do homem de Neanderthal, então, aí neste ponto, está furada, meu filho!

E não interessam as conclusões gerais que nós tiramos disso. Acho que pouco importa a gente se posicionar a favor de uma coisa ou de outra. Eu sinceramente não acho que a teoria da evolução em si seja antagônica com a estrutura da realidade, tanto pode ser de um jeito como pode ser de outro. Mas o que é certo é certo; então, como pode acontecer uma coisa dessa?

Exemplos de fraudes científicas chegam a mim através da internet porque milhares de pessoas mandam notícias para o meu programa de rádio. E toda semana tem pelo menos duas ou três de novas fraudes científicas! Agora, vocês imaginem o seguinte: todas as decisões de governo no mundo são escoradas em conhecimentos científicos. A autoridade, em última instância, é a ciência. Mas, espere aí, a ciência já pirou, está maluca, não tem mais critério. Eu estou falando em notícias que me chegam, mas e a bibliografia que existe sobre a fraude e a confusão no mundo das ciências? Tem uma bibliografia imensa! Eu comecei a comprar livro sobre isso e falei: "vou parar, porque estou começando a ficar com medo." Você fica na mesma situação de quem está dentro de um avião pilotado por um sujeito bêbado, louco, tarado e que você não sabe o que vai fazer com o seu avião. A humanidade presente está assim.

Mas por que que estamos numa época de tanto descontrole, onde tudo parece absolutamente incerto? Porque os camaradas encarregados de nos dizer o que é a realidade não têm a menor idéia do que ela é, não querem ter e treinaram para ignorá-la. Ou seja, eles estão investigando coisas extremamente complicadas, extremamente difíceis, que requerem muita atenção, muita exatidão e estão fazendo isso sem fundamento ontológico nenhum! Quer coisa mais perigosa do que isto? Acontece que o mundo da ciência virou uma espécie de imenso "Legionários de Cristo". Você olha e eles estão falando: "isto aqui precisa ser refundado e reestruturado". A ciência moderna também é assim, também tem que refundar e reestruturar, porque se não esses caras vão nos matar.

Muito bem, vamos fazer uma pausa e responder a algumas perguntas.

[Pausa]

Então, vamos aqui: em parte eu vou responder a perguntas, em parte eu vou continuar essa explicação sob outros aspectos, mas vou usar algumas perguntas como pretexto ou como gancho para isto. Eis aqui a pergunta:

Aluno: Na última aula ficou claro que os conhecimentos científicos, quando muito, auxiliam ou servem de instrumentos para a percepção de um ser vivo e concreto, sendo aqueles nunca superiores em dignidade em relação a este. Porém, se bem entendi, o senhor também frisou a limitação inerente à percepção humana no sentido de ela nunca poder constituir-se em uma completa e conjugada inteligência dos elementos que compõem a estrutura da realidade. Essa seria a característica maior da percepção divina (...).

Olavo: Quer dizer, a percepção divina seria a idéia perfeitamente adequada e abrangente. Nós temos a idéia adequada, mas não abrangente.

Aluno: (...) Seria, em maior escala, essa limitação da percepção humana inerente à própria condição da participação do homem na comunidade primordial do ser, de que fala Eric Voegelin?

Olavo: Bem, a situação aqui é a seguinte: volte ao começo do curso quando eu lhe dei o exercício do necrológio. No exercício do necrológio, você tentava dizer a si mesmo qual é a vida que gostaria de ter levado, ou seja, qual a pessoa que gostaria de ter sido. Note bem: na medida em que gostaria de ser essa pessoa, ela se torna o objetivo da sua vida. E a partir desse momento existe uma tensão entre o seu estado atual e aquilo ao qual você está se dirigindo, o qual foi concebido na sua pessoa atual. Então isso mostra que a verdadeira estrutura do ser humano é uma estrutura tensional que se estende no tempo. E essa estrutura só adquire uma forma finita quando você morre e a sua vida acaba. Se esta é a verdadeira realidade do homem, a própria noção de percepção completa ou incompleta se torna um pouco inadequada, porque esta nossa percepção vai ser adequada não por abranger o conjunto dos elementos, mas por tender a este conjunto; não por ela apreender a totalidade, mas por tender à totalidade. Quer dizer, tender à totalidade, tender à verdade final é a nossa forma de participar dela – e é a nossa única forma! E se você tentasse ser algo mais, estaria fugindo da realidade. Portanto por um lado, nós observamos que, materialmente, a nossa percepção é sempre incompleta (foi um dos elementos que eu dei logo nas primeiras aulas); você não tem a percepção completa de nada, mas também não há nenhum objeto que tenha a capacidade de se presentificar na sua totalidade. Portanto a incompletude da sua percepção é comproporcional à incompletude do objeto; **[1:30]** porque nenhum de vocês é o ser eterno e infinito.

Eu só vejo um coelho por um lado e fazendo apenas certas coisas e não todas as coisas por todos os lados. Mas o coelho, se quisesse fazer todas as coisas ao mesmo tempo, e se quisesse se mostrar por todos os lados ao mesmo tempo ele também não conseguiria. Eu percebo o coelho incompletamente porque eu sou incompleto; e o coelho também é incompleto. O que há de inadequado nisso? Não há nada inadequado. Quer dizer, os críticos da percepção humana sempre se colocam em uma posição de perfeição impossível, e aí criticam e negam o conhecimento possível que nós temos. Todas essas críticas são interessantes como exercícios e para aguçar sua percepção de algum modo, mas como teoria elas não valem nada.

Por que tudo o que nós percebemos é fragmento? Porque tudo é fragmento. Como eu poderia ter uma percepção integral e completa de um coelho? Quando o coelho vai estar completo? O coelho que eu estou vendo agora já não é o coelho do ano passado, e também não será o do mês seguinte. Então, para eu ver um coelho de verdade ele precisaria se comprimir todo em um único instante. Mas se ele se comprimir todo em um único instante sua duração seria infinitesimal e eu não poderia vê-lo. Portanto, o que há de errado com a nossa percepção ser incompleta, se tudo é incompleto? A nossa percepção incompleta, na medida em que tende à totalidade, à perfeição etc,

está perfeitamente adequada à estrutura da realidade. Porque está é a nossa própria realidade. Por exemplo, o que é a consciência? Tem muitas coisas das quais você pode falar na ausência delas, para falar de um coelho não precisa ter um coelho aqui; mas eu não posso falar da consciência sem ter minha consciência aqui.

A consciência é aquele lugar no qual o conhecer e o ser coincidem, com a ressalva de que o ser não existe completamente ainda. A coincidência perfeita, total e simultânea de ser e conhecer só existe em Deus. Nós temos esta coincidência de maneira momentânea, porque esta consciência também não existe senão como um processo tensional que se desenrola no tempo.

Todos os conhecimentos humanos têm alguma satisfação a prestar a essa estrutura da nossa situação real. Claro que no momento em que nós falamos, por exemplo, de entomologia, de música de pintura ou de qualquer coisa, os conceitos específicos usados para essas várias áreas do conhecimento não contém nenhuma referência explícita a esta consciência que nós temos da estrutura da realidade, mas essa consciência está lá presente. Se você abolir isso, começar a usar aqueles conceitos como se eles fossem os conceitos específicos dessas várias áreas, como se eles fossem a realidade, e aí você entrou no mundo da fantasia mesmo. É como se você estivesse numa sala e de repente perde a memória e encara todos os objetos presentes como se tivessem surgido naquele instante mesmo e faz a abstração do tempo.

Muitas doenças mentais – na verdade todas elas – são apenas abstracionismos, onde uma determinada linha de informações é tida como única, exemplar e absoluta, e você não é capaz de as articular com as outras. O Lipot Szondi comparava a estrutura dos impulsos humanos como se fosse um palco giratório, um impulso sendo trocado por outro, e, portanto, os resultados cognitivos da experiência vivida sob aquele impulso são diferentes – a coisa está sempre girando. Quando o palco quebra, ele para de girar e aquilo que só existe abstratamente começa a lhe parecer concreto.

Os momentos de comportamento impulsivo são altamente abstracionistas, porque você considera as outras pessoas envolvidas apenas sob um ângulo. Por exemplo, se você tem um ódio extremo de uma pessoa, você só olha aquela pessoa sobre o aspecto do seu ódio. Você esquece que pode haver nela outros aspectos que não são odiosos de maneira alguma, que podem ser até admiráveis, e esquece, por exemplo, que se você matar esta pessoa outras vão sofrer porque elas têm amor por aquele indivíduo. Mas na hora do ódio intenso você esquece tudo isso e trata a idéia abstrata que você tem do indivíduo como se fosse a realidade concreta dele. Do mesmo modo, a paixão amorosa quando passa dos limites da normalidade, o que é? É um abstracionismo, você só está vendo naquela criatura os seus aspectos desejáveis e, se alguém mostra os aspectos indesejáveis, você não quer ver. Não é assim? Então você está tomando o abstrato como concreto. Agora, porque que isso é doente quando praticado por um indivíduo e se torna normal quando praticado por uma sociedade inteira? Daí prossegue aqui o Bruno.

Aluno: (...) é de se notar que o próprio Voegelin afirme em *Israel e a Revelação* que “o papel da existência deve ser desempenhado, na incerteza do seu significado, como a aventura da decisão na linha entre a liberdade e a necessidade”.

Olavo: É mais ou menos a mesma coisa de que eu estou falando: a tensão entre o finito e o infinito. Você nem ignora totalmente e nem conhece totalmente, e também você não está no meio termo, porque o meio termo suporia uma posição estática, de repouso, a qual é impossível; e é justamente está tensão que vai nos mostrar qual é o verdadeiro caminho do conhecimento. O conhecimento é uma coisa que você nunca possui e do qual você nunca está privado, porque você é um ser incompleto. Incompleto significa que não se pode dizer que você existe plenamente e nem que não existe. Você é uma forma de existência incerta, temporal, vacilante, tensional e bastante contraditória sobre certos aspectos; assumir esse conjunto de tensões e contradições e estar consciente deles é o verdadeiro caminho do conhecimento. O fato é que o conhecimento compreendido assim nunca pode ser totalmente transposto em palavras e constituir um sistema científico e filosófico integral. O lugar onde existe o conhecimento não são os livros – os textos de filosofia –, é a pessoa humana real, esse é o verdadeiro portador do conhecimento. E é por isso mesmo que Platão dizia que filosofia e educação são a mesma coisa. O verdadeiro objetivo da filosofia não é escrever livros de filosofia, é fazer filósofos, e isso é o que eu estou tentando fazer aqui.

E se o sujeito disser para mim que não quer ser filósofo, mas músico, então ele não entendeu uma palavra do que eu estou falando. Porque não importa qual a atividade em que você está exteriorizando a sua experiência, o que interessa é a natureza da sua reflexão sobre ela.

Uma vez que foi dadas as noções do que são a [1:40] simples apreensão, o conceito e o termo; percebemos que todas as classificações de termos que se fazem em lógica só valem desde o ponto de vista lógico, isto é, da função que esses termos e conceitos desempenham na ordem do raciocínio; não valem senão como traslados da realidade. Uma coisa é o raciocínio considerado como experiência real humana e outra é o raciocínio considerado apenas na sua forma lógica hipotética; é este que estuda a lógica.

Quando entendemos que o raciocínio no sentido lógico do termo só adquire algum sentido quando, embora o estejamos estudando somente sob este ponto de vista, levamos em conta concretamente os outros aspectos que o compõem, então, o mínimo que você tem de dizer é aquilo o que Hugo de São Vitor expressava quando se referia a estas três etapas **[do conhecimento?]** : o pensamento, a meditação e a contemplação.

O pensamento é transitar de uma idéia a outra; a meditação é rastrear um pensamento até a experiência fundamental que o originou, ela vai no sentido contrário de uma demonstração lógica. Na demonstração lógica você vai tentar tirar conseqüências de coisas já ditas, e na meditação você vai rastrear e perguntar: de onde eu tirei isto?

É claro que para os nossos fins o desenvolvimento da capacidade meditativa é infinitamente mais importante do que o chamado desenvolvimento do raciocínio. Até um jumento raciocina, mas só um ser humano pode meditar; ele vai referir uma certa seqüência silogística que está na sua mente a uma experiência concreta que talvez ele nem consiga descrever, mas que é a verdadeira base da realidade da qual emerge aquele raciocínio.

E, finalmente, o que é a contemplação? Quando você fez várias meditações, ou seja, você rastreou vários raciocínios até o seu fundamento na realidade e olha aquilo como um conjunto, isto é contemplação. A contemplação é quando a consciência rememora articuladamente várias experiências fundamentais que embasaram seu raciocínio. Ora, quando ela contempla isso como um conjunto, onde está esse conjunto? Se você diz que está inteiramente na memória da pessoa então, não é contemplação porque você está apenas olhando os seus próprios pensamentos; se eu disse rastrear na experiência, então não é para rastrear só no seu pensamento, é para rastrear os elementos existenciais, isto é, ontológicos que determinaram aquelas experiências.

Na meditação e na contemplação nunca é a mente apenas meditando sobre si mesma; porque se fosse sobre si mesma seria apenas sobre o pensamento – aquilo que você criou – e não haveria o elemento da experiência real. A contemplação vai ser sempre de alguma coisa que transcende a própria consciência que está meditando. Assim como naquela experiência a que eu me referi no começo, nós podemos dizer que vamos olhar essa coisa como a mentalidade baconiana e galilaica olharia; então, por um lado temos um fenômeno físico que acontece no planeta terra, e chega a você através dos cinco sentidos e em cima disso você elabora por imaginação, por hipótese, um negócio infinito, hiperbólico etc. Ora, mas é assim? E nós conseguimos fazer isso instantaneamente? Tudo isso sai da nossa mente? Você imaginou o trabalho que daria para criar essas hipóteses infinitas a partir de uma experiência finita e limitada que você está tendo? Eu não posso acreditar que a mente humana criou tudo isso.

O que você está percebendo é o seguinte: você tem o panorama, esse panorama é finito, e justamente por ser finito ele te indica a sua incompletude, que por trás dele há mais alguma coisa; ele mesmo indica isso, porque todo objeto finito indica isso. Então, esta incompletude e, portanto, esta imperfeição, esta limitação, ela por si mesma contrasta com a impressão de beleza que você está tendo, e ela por si mesma sugere uma abertura para aquilo que está por trás dela. Não é que você está percebendo uma coisa e inventando outra; você está percebendo as duas ao mesmo tempo.

A Miriam Macedo pergunta – ela fez várias perguntas e eu vou responder apenas uma:

Aluno: Assistindo uma palestra sobre filosofias orientais experimentei um estado alfa muito intenso durante alguns momentos, depois que o palestrante

nos convidou a entoar o *Aum*. Foi uma reação provocada por uma estimulação de uma área do cérebro pela frequência do som ou o quê?

Olavo: Bom, o que é esse *Aum*? Quem dá uma explicação muito bonita sobre isso é o René Guenon, não lembro se está em *O Homem e seu devir segundo o Vedanta*, ou em *Os Estados Múltiplos do Ser*. Essas três letras – A, U, M – significam, em primeiro lugar, os três estados do homem: o estado de vigília, o estado de sono e o estado de sono profundo. Esses três estados, por sua vez, simbolizam três dimensões do ser: o mundo dos seres sensíveis que estão presentes aqui; o mundo intermediário, das possibilidades mescladas, que estão, por assim dizer, informes na natureza; e, por fim, o mundo dos seus arquétipos eternos. Quando o místico hindu entoa isso, ele está pensando nessas três coisas, mas na medida em que ele entoa, ele não está apenas pensando, ele está vendo no seu próprio corpo a manifestação sonora desses três planos de realidade; por isso mesmo, existem várias maneira de você meditar este som.

Se você está focado, por exemplo, em assumir uma consciência mais nítida da sua presença corporal no mundo físico você enfatiza a primeira sílaba, A; quando se trata de penetrar no mundo mais psíquico, que está mais ligado à respiração, ao ar, você enfatiza o U; e quando é para apagar o mundo físico e o intermediário – ir para os arquétipos eternos – você enfatiza o M. Então, existe uma grande diferença entre você recitar:

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAUM
 AUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUM
 AUMMMMMMMMMMMMMMMMMMM

Agora, você ficar falando AUM não vai dar em nada, pode dar um estado alfa. Está entendendo? Todas essas práticas nada significam sem a perfeita compreensão da doutrina metafísica envolvida. Felizmente, a estrutura de muitos desses exercícios, recitações, preces, jaculatórias etc. condensa simbolicamente tudo isso, então, de certo modo, você pode dizer que esses três sons são esses três mundos, no mesmo sentido em que eu estava explicando a água. Mas, essas coisas nós vamos deixar para depois. Não é muito a hora da gente pensar nisso.

Em qualquer prática mística autêntica, antes da prática existe uma pregação, uma explicação que o padre ou mestre vai te dar e que o exercício, por assim dizer, vai condensar. Você vai receber o ensinamento sob duas formas: sob forma de inteligência e sob forma de existência. Até que chega uma hora em que você não separa mais essas duas coisas e começa a percebê-las juntas. Veja que quando a consciência do componente simbólico da própria estrutura da realidade desaparece culturalmente, mas muitas pessoas continuam praticando os ritos de outras épocas – o que acontece? –, elas estão fazendo os gestos certos, mas às vezes com a explicação errada. E se começam a fazer isso, significa que daqui a pouco elas não sabem o que são os rituais genuínos e o que é uma imitação. Você não percebe mais. Quando, por exemplo, aparecem as pessoas falando do carisma do Padre Maciel elas não sabem mais

o que é carisma. Carisma é expulsar os demônios, conectar você com o Espírito Santo, fazer alguma coisa que é espiritualmente eficiente; e essa eficiência espiritual se traduz numa eficiência material. Agora, se o clero perdeu os carismas, então o pessoal não sabe o que é carisma. Carisma começa a ser usado no sentido do Lula. O Lula é um indivíduo carismático, ou seja, um sujeito que atrai pessoas e dinheiro. O Padre Maciel atraía um bocado de dinheiro. Isso é ser carismático pra caramba! Vai ver a conta bancária dele para ver o carisma. Então as pessoas não sabem mais do que estão falando e começam a preencher os antigos elementos da tradição religiosa com explicações e pretextos médicos, psicológicos, sociológicos etc. Como essas pessoas que dizem que no Antigo Testamento a carne de porco foi proibida porque fazia mal, ou seja, havia só um motivo material para. Certamente isso é uma brincadeira, mas muitas pessoas acreditam nisso.

A Miriam Macedo também pergunta:

[Aluno]: Anos atrás a *Folha On-Line* ao noticiar a queda de um Concorde fez a seguinte pergunta aos seus leitores: Na sua opinião, o que provocou a queda da aeronave? Meu marido, que foi engenheiro aeronáutico da Embraer, trabalhou com ensaios de vôo e era responsável pelos computadores de bordo riu quando lhe fiz a pergunta dizendo: “Você está brincando?” Ou seja, ele não tinha a menor ideia do que tinha provocado a queda do Concorde.

[Olavo]: Quer dizer, o engenheiro aeronáutico não sabe, mas espera-se que a população saiba. E daí ela observa:

[Aluno]: A ciência quer exercer autoridade suprema sobre a sociedade invocando a superioridade do método científico e a precisão dos experimentos científicos e ao mesmo tempo a democratização do conhecimento obriga que essas ciências sejam compartilhadas pelo povo em geral.

[Olavo]: O povo tem a confiança de que existe uma comunidade que tem todas as respostas; como ele já a antevê, não custa afirmá-la como se fosse um conhecimento atualmente possuído por todo mundo. Frequentemente eu vejo que esse tipo de crença aparece com uma facilidade incrível; a pessoa imagina que algo que a comunidade científica sabe já se disseminou e espalhou para todo mundo, todo mundo sabe.

Por exemplo, todo mundo sabe que astrologia não funciona. Eu não sei! Eu estudei o assunto por anos a fio e não sei. Mas todo mundo sabe. O que é isso? É uma aposta na autoridade. E quando as pessoas fazem essa aposta, fazem com um sentimento de certeza artificial que é tanto mais intenso quanto mais incertas elas estão por dentro porque esta afirmação serve para tampar o abismo da incerteza. Ora, é o abismo da incerteza que nos abre ao conhecimento. Aristóteles dizia que o conhecimento começa com o espanto. Se você não quer ficar espantado, não vai saber nada. Você já está tranquilo, já tem as respostas porque a ciência disse isso ou aquilo.

Aqui tem uma carta meio comprida. Eu não vou lê-la inteira, mas vou ler alguns pedaços que me pareceram muito importantes. É o Damásio de Oliveira. Ele me recomenda aqui um livro do Professor Adauto Lourenço, *Como tudo começou*.

[Aluno]: Conhecendo suas reflexões dadas a público sobre a mentalidade dos movimentos revolucionários, talvez aquilo que dará à história da intelectualidade o que Marx às avessas quis atribuir como vocação e destino da consciência proletária, abre-se um universo de pesquisas sobre a hipótese de uma tomada consciente de diversas escolas científicas a partir do século XIX – à lá Francis Bacon – para destruir as bases da civilização ocidental (...)

[Olavo]: Eu acho que isso realmente aconteceu, porque manipular escolas científicas para lhes dar um sentido ideológico determinado e provocar determinados resultados históricos que você pretende é uma das maneiras mais eficientes de fazer isso [destruir as bases da civilização ocidental]. Se todo mundo acredita que a ciência diz isso ou diz aquilo eles vão começar a agir em consequência.

[Aluno]: Da geologia à cosmologia, quase todas as bases da nova civilização comteana são, a rigor, artigos de fé (...)

[Olavo]: Mas são mesmo! Eu acho que isso mesmo aconteceu. Eu tenho provas de que isso aconteceu aqui e ali, mas eu só investiguei isso na medida em que era necessário para meu estudo sobre a mente revolucionária – e ainda falta muita coisa. Mas alguém que pretenda rastrear isso – como parece que esse Professor Adauto Lourenço pesquisou – vai descobrir coisas do arco-da-velha. Os elementos de falsificação e de fraude científica estão muito mais disseminados do que nós podemos imaginar. Nós tomamos conhecimento quando explode um caso como este do aquecimento global, mas por trás tem muito mais coisa. Porque interesses políticos e econômicos envolvidos em ciência são monstruosos. E ciência não se faz sem muito dinheiro. Então, para quê eles vão lhe dar dinheiro para descobrir o contrário do que eles querem? A definição da ciência como ideal de conhecimento racional fundamentado é uma coisa; outra coisa é a ciência historicamente existente. E quando eu estou falando de fraude, não estou falando de cientista de terceiro plano. Eu estou falando dos grandes, dos fundadores. Nós já falamos aqui da biografia de Newton que foi 100% falseada, criando em torno da figura uma espécie de símbolo, encarnação, da ciência no seu sentido mais elevado. Quando você lê os escritos de Galileu, a sua argumentação científica era pura argumentação retórica. São efeitos linguísticos que ele obtém, e no fim não está demonstrando nada. E o método de Bacon?

Mas por que tanta mentira e tanta fraude já na origem? Se uma ciência começa a falsificar a sua história, ela está apagando o *Status Quaestionis*. E em que medida os conhecimentos que ela professa podem ter inteligibilidade fora do *Status Quaestionis*? Quer dizer, o estudo da fraude abre diante de nós um abismo. Eu certamente vou ler o livro desse Professor Adauto Lourenço. Obrigadíssimo pela sugestão.

[Aluno]: Sou psiquiatra e professor universitário. Li alguns comentários seus sobre psicologia comportamental e ciência cognitiva. Penso ser essa psicologia um equívoco quando a tomamos como corpo teórico da fenomenologia psiquiátrica, pois penso que exclui da consciência a intencionalidade (...)

[Olavo]: Bom, mas foi feita pra isso. Você separar o processo cognitivo da existência de uma consciência real, pessoal e responsável é transformá-lo num programa de computador. É coisificar tudo. É claro que isso é gravíssimo. E quando nós perguntamos por que as pessoas fazem isso? Elas o fazem porque têm uma agenda. Elas querem chegar em um determinado resultado; e esse resultado não tem nada a ver com ciência, conhecimento ou coisa nenhuma.

[Aluno]: Tive a oportunidade de conversar com você sobre um problema que venho tentando enfrentar há tempos: a verdade dos textos de Jacob Böehme. Dentre os temas pelos quais sou interessado, o que mais me encanta é a questão das divinas revelações de Jacob Böehme (...)

[Olavo]: Mas isso aqui é um bicho-de-sete-cabeças. Você é um jovem de 26 anos, eu sou um velho de 62 e quanto mais penso nisso, mais atrapalhado fico. Quando você tiver chegado à minha idade talvez você tenha chegado a alguma conclusão. Eu acho um assunto belíssimo e importantíssimo, mas não espere que eu lhe dê uma resposta sobre isso, porque eu também não sei. Eu não sei exatamente qual é o estatuto espiritual de Jacob Böehme. Ele é um iluminado, um santo ou um cara que foi manipulado diabolicamente? São necessários anos para resolver este negócio. Eu não recomendo que ninguém comece com essas coisas. Claro que elas tem de ser investigadas, são importantíssimas, mas eu não entraria nessas coisas a mão livre. Tem de ir com régua e compasso, todo equipado. Se você não tem formação em teologia e filosofia, eu sugiro que você as adquira e depois pegue esse abacaxi. Eu não sei o que fazer com Jacob Böehme. Ele realmente é uma batata quente.

[Aluno]: Essa tensão entre o infinito e a contingência, entre o mutável e o imutável é o que Platão chamava de *metaxis*?

[Olavo]: Precisamente. *Metaxis* quer dizer participação, é a mescla, nós vivemos nesta mescla. De certo modo, nós não podemos dizer nem que somos absolutamente reais; nós vivemos entre o real e o irreal. E eu tenho a impressão de que aquele exercício do necrológio, se você pensar bem nele, ele vai te dar a medida exata disso aqui. Porque você sabe que aquilo para o qual está tendendo, e é a expressão real do seu desejo atual e que compõe de certo modo o centro e o topo da sua vida; por outro lado é algo que não existe ainda, mas este que não existe ainda é o elemento no qual você se baseia para tomar suas decisões, fazer suas escolhas agora. Eis a prova de que você vive entre o real e o irreal; você vai se tornando real, mas note bem, isso não deve ser interpretado no sentido sartreano de que nós não temos essência nenhuma, de que nós só temos existência e a nossa essência surge da existência. Respondendo já à pergunta do Davi Oliveira Souza: qual é o problema com a filosofia do Sartre? O problema é esse. Se eu dissesse que você não tem

essência alguma e que vem a existência primeiro, quer dizer que aquilo que é um nada fez alguma coisa, o que é absurdo. Por outro lado, você não pode dizer que tem uma essência conhecida, dada de uma vez para sempre, da qual a sua vida será apenas a manifestação externa. Também não é isso. Você tem uma essência, mas não como coisa, e sim como ser humano livre e responsável. Você começa por descobrir essa essência na hora em que você declara para si mesmo aquilo que você quer ser. porque isso é a única coisa que realmente você pode ser. Aí está dado o elemento tensional entre o atual e o possível, e esta tensão é o que constitui a sua verdadeira pessoa; e quando terminar a sua vida, você adquiriu a sua forma completa e temos a sua história; aí dizemos: ele foi isto. Então isto é a verdadeira essência dele. Mas isso não quer dizer que a simples existência produziu a essência. Você tem de ser alguma coisa para poder existir, você não pode ser um nada; então algo você é, e este algo é sobretudo esta capacidade que você tem de se auto-constituir no futuro a partir dos elementos que você tem agora, no sentido em que Maurice Pradines dizia que consciência é uma memória do passado preparada para as tarefas do futuro; você sabe o que você é agora, sabe o que quer ser em seguida e você conhece mais ou menos a articulação de uma coisa com a outra - a partir dos dados do passado, o que você tem de fazer agora para você chegar a ser aquilo que quer ser no futuro. Também um outro elemento: ontem mesmo eu estava conversando com meu amigo **John Haskins** a respeito desse mesmo exercício, e ele disse: “Mas tem de tomar cuidado porque aqui nos Estados Unidos o pessoal usa muito esse negócio de ouvir a voz do seu coração”. Só que eles entendem a voz do seu coração como qualquer porcaria que você deseja e evidentemente não é disso que eu estou falando. Como é que nós nos vacinamos contra isto? Em primeiro lugar, esse pessoal que fala ouvir a voz do coração ou ouvir o seu guru interior estão interessados todos na sua felicidade e não é essa a nossa perspectiva; nós não estamos interessados na sua felicidade, mas na sua realidade. Como é que nós nos vacinamos contra essa ilusão da voz interior? Da seguinte maneira: qual é o primeiro dado do exercício do necrológio? Você morreu. Então a primeira coisa que esse exercício faz é colocar diante de você o fenômeno da sua morte. A presença da morte instalará você na realidade, porque não se trata de perguntar ao seu coração: o que eu quero? Não, o que eu quero é fácil. Eu quero ficar rico, quero comer a mulher do próximo, quero entrar no mensalão, quero ser Papa. São coisas desse tipo. Quero virar o Padre Maciel quando eu crescer. Tem muita gente que quer. Não é disso que eu estou falando. Esse negócio de ouvir a voz de dentro serve para criar uma ilusão de liberdade, quando eu estou falando exatamente do contrário. Não há liberdade alguma nesse aspecto, você vai morrer, sua vida já acabou, e você desde o lado de lá vai olhar aquela forma finita que você adquiriu e vai contá-la; portanto este exercício articula a ideia de sinceridade interior com a ideia de consciência da morte, e uma coisa prende a outra no chão da realidade. Por isso eu inventei o exercício assim e não de outra maneira. Então eu falei pro John: Não se preocupe porque eu não estou falando aqui de guru interior. Guru interior não morre, mas você morre.

[02:10] Então por hoje vamos parar aqui.

Transcrição realizada por: Vladimir Scarpa, Michelle Zizza Caloni, Klauss P. Tofanetto.

Revisão realizada por: José Roberto Zoner Baptista